



QUE HORAS ELA VOLTA?: A PERSPECTIVA DISCURSIVA EM ANÁLISE

*Que horas ela volta? (The Second Mother)¹: A dialogical perspective
analysis*

Jucelia Pereira da Rocha

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
juceliaprocha@gmail.com

Rita de Cássia Pacheco Limberti

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/Facale
limberti@hotmail.com



Figuras 1 e 2: Encartes do filme em português e inglês.

Fonte: Globo filmes. Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/> (2017)

Resumo: Com base na perspectiva de Michel Pêcheux e teorias pertinentes ao discurso, faremos uma análise do filme: Que horas ela volta? Buscaremos estabelecer uma relação da teoria com o filme, como se dão as relações de poder e como essas são simbolizadas, finalizando com alguns apontamentos sobre as construções ideológicas, a partir de reflexões teóricas e sobre o filme fazendo um paralelo de teoria e os discursos introduzidos e, também, desenvolvidos ao longo da

¹ Optamos por deixar o título em português, pois soa melhor para a proposta de análise deste trabalho.

arrativa. Por fim, levantaremos reflexões sobre os discursos que envolvem os personagens do filme e o que diz da formação do sujeito.

Palavras-chave: Práticas discursivas. Condições ideológicas. Sujeito do discurso.

Abstract: Based on the perspective of Michel Pêcheux on relevant theories to discourse, we will analyze the movie: The Second Mother. We will try to establish a connection between the and film, how power relations and they are symbolized, finishing with some appointments about ideological constructions. Beginning theoretical reflections and of the movie, making a parallel of theory and discourses introduced and, also, developed in the narrative. Finally make reflections of discourse that involve the personages of the movie and what it says of the formation of the subject.

Keywords: Discursive practices. Ideological conditions. Subject of discourse.

Introdução

O intuito deste trabalho é levar o leitor à reflexão sobre algumas temáticas abordadas no filme que dão margem às teorias de análise discursiva. Ao longo do trabalho, realizaremos uma abordagem das diferenças de classes, das questões sociais, relações de poder, posições ideológicas dos sujeitos e o lugar de onde esses sujeitos atuam.

Tomando como ponto de partida o enredo do filme, que conta a história de uma pernambucana que sai de sua terra natal para tentar a vida na cidade grande, buscamos refletir sobre a realidade de duas classes sociais dentro do contexto familiar. A primeira é uma mãe que deixa a filha sob os cuidados da tia e vai trabalhar na cidade de São Paulo para fornecer melhores condições de vida e suprir a figura de um pai ausente, que nem aparece na trama, apenas é citado. A outra é uma família de classe média alta também composta por uma mãe ausente, por trabalhar demais, um pai frustrado e o filho carente que busca refúgio na babá Val, interpretada por Regina Casé, a qual é a mãe que deixou a filha e representa a outra classe social em conflito na história. Ambas as famílias estão despedaçadas e vivem o dilema da falta de alguém, cada uma por seus motivos.

Pelos discursos dos personagens, é possível observar algumas vertentes supostas na composição do enredo, como por exemplo os valores do contexto social de cada personagem, que mesmo estando no mesmo lugar mostram uma heterogeneidade. A personagem principal Val apresenta um comportamento aparentemente herdado do seu contexto histórico social; ela afirma isso em seu discurso quando diz à filha: “tem coisas que ninguém precisa ensinar, que

já nasce sabendo”. Já o discurso da filha é de alguém que pertence a um grupo social diferente, tem outras concepções, outros conceitos - como o de igualdade. Na verdade, ambas pertencem ao mesmo contexto, mas em posições históricas e em épocas diferentes.

Ao apresentar as teorias do discurso nortear o leitor para um viés de interpretação mais segura do filme, não a tratando como verdade absoluta, mas como uma possibilidade cabível dentro das teorias discursivas.

Antes da análise, apresentaremos três concepções básicas da Análise do Discurso, no que diz respeito à linguagem, considerando-se que ela é a base do discurso e da subjetividade. Em seguida, procederemos à análise discursiva do filme, proposta neste trabalho.

A linguagem

Por meio da linguagem a humanidade tem a capacidade de comunicar-se e por meio dela estabelece relações físicas, fisiológicas e psíquicas. Ao abordar esse aspecto fundamental da linguagem, faz-se necessário voltar no tempo, e chegar às primeiras concepções da língua, que segundo Lopes nas teorias de Saussure:

Por ser um bem social, um contrato coletivo, a língua preexiste e subsiste a cada um de seus falantes individualmente considerados: cada um de nós já encontra, ao nascer, formada e em pleno funcionamento, a língua que deverá falar. (LOPES, 1976, p.77)

Seguindo essa linha de Saussure, tem-se a língua como bem social, como código imposto e necessário para se fazer entender. Assim pode-se dizer que a língua é uma organização social que modaliza o sistema por si mesma e pela fala (*parole*).

No filme, a comunicação das duas classes (patrão e empregado) ocorre de forma natural, mormente pelo filho Fabinho (Michel Joelsas) que é criado praticamente pela babá, Val (Regina Casé). O menino, porém, não fala com o sotaque de Val, mas percebe a diferença no falar, pois quando a filha Jéssica (Camila Márdila) chega ele comenta: “olha ela fala igual a Val” apontando como diferença entre eles.

Em Koch (2000, p.09) podemos ver, com a evolução da língua, que há três concepções básicas que permeiam a linguagem juntamente no contexto da humanidade: a da

representação do mundo e do pensamento; de instrumento de comunicação; e forma de ação ou interação.

A concepção da representação seria para nomear as coisas em geral, de forma que mostra a realidade em torno da linguagem uma forma de ‘espelho’. A segunda aborda a linguagem como uma ‘ferramenta’ de comunicação, ou seja, apenas um modo de transmitir mensagens, de fato sabe-se que não é tão simples assim. Com a terceira concepção proposta a linguagem passa a ser vista como interação entre falante e ouvinte, deixando de ser mera representação do pensamento e sim como processo de comunicação e interação.

Para Brandão a ideologia é lugar comum entre as classes e as manifestações entre elas se dão pela linguagem: “...a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.” (BRANDÃO, 2004, p.11)

Nesta análise abordaremos a terceira concepção, porque é a mais precisa para a Análise do Discurso, pois o sujeito age pela linguagem e considera o lugar de onde o sujeito está falando - o contexto sócio-histórico. A personagem Val, mesmo estando inserida no contexto social diferente do seu, ainda trazia- considerando que já estava havia dez anos em São Paulo - no seu discurso sua identidade social e cultural.

O discurso

Pelo discurso pode-se perceber como as classes sociais têm usado da linguagem como forma de imposição e para manipular a massa, de forma velada. No filme isso acontece com a patroa, Barbara (Karine Teles), que usa de suas artimanhas para falar com a empregada Val, mas o diálogo só acontece quando é do interesse dela, pois quando ocorre o inverso e Val tenta por várias vezes falar de suas necessidades com a patroa, é ignorada.

Há certas atitudes que para Val soam normais: não recebe atenção porque a patroa é muito ocupada, também não se coloca inclusivamente no contexto daquela casa, daquela família, além de considerar que morar no quartinho nos fundos é natural para quem vem tentar a vida na cidade grande, algo visto às vezes até como sorte, quando muitos não conseguem nem isso. Em Bakhtin:

A palavra é fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (2010, p.36)

Segundo as concepções de Bakhtin, tudo é ideologia, nada vem do acaso as ideologias são geradas por conceitos do meio social. Deste modo, pode-se dizer que no filme há esse sistema ideológico dominante, onde uma classe exerce poder sobre a outra, seja por imposição de *status* ou pela desumanização da empregada Val, que é tratada como um objeto da casa que tem seu lugar marcado e uma outra forma seu valor.

Para a Análise do Discurso, no que tange ao domínio, seja por ideias ou ideologias, faz-se necessário apresentarmos, para melhor compreensão, a concepção de Orlandi:

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, [...], de movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando...procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (2012, p.15)

Com essa concepção de Orlandi (2012), temos o limiar para a análise do filme, pois a maneira como foi elaborada cada cena diz mais que as palavras, e isso acontece muitas vezes como, por exemplo, as insinuações, os flertes do patrão, Carlos (Lourenço Mutarelli) com Jessica. Ele se coloca à disposição da moça, deixa ela ficar no quarto de hóspede, revela suas frustrações, chama ela para almoçar com ele, e até pede ela em casamento, ou seja, usa de todo seu domínio sobre a jovem que finge não ver as insinuações e usufrui do que ele tem a oferecer, mas não se deixa dominar.

No discurso o sujeito constitui-se em dois aspectos, o social e o inconsciente. O aspecto social corresponde ao ideológico, individual, onde o sujeito pensa ser livre. Já no inconsciente o sujeito acredita que está o tempo todo consciente. E por essa constituição o sujeito (re) produz o seu discurso.

O discurso é o ponto de articulação entre o ideológico e os fenômenos linguísticos, tendo a linguagem como interação e um modo de produção social, sendo a manifestação da ideologia diretamente ligada ao sujeito pelas formações ideológicas.

Por fim, o que grita no filme são as questões sociais e ideológicas. Pêcheux (1988, p.160) diz que é a ideologia que fornece evidências pelas quais “todo mundo sabe”, como diz Val em suas narrativas: o que pode e o que não pode. Há um momento no filme em que a filha questiona a mãe se, quando ela chegou, ensinaram a ela o que pode ou não fazer, e ela responde que tem coisas que ninguém precisa ensinar, que a gente já nasce sabendo.

Análise Discursiva

A que horas ela volta? Uma pergunta simples que dá título ao longa de Anna Muylaert (2014), norteia a narrativa e marca o questionamento de Fabinho e Jéssica. O filme é ganhador de vários prêmios no mundo e foi vendido em mais de vinte países. A autora diz em entrevista que demorou cerca de vinte anos para escrever a trama, e que seu intuito era ser o mais verossímil possível. Parece que ela conseguiu atingir seu objetivo da verossimilhança e também levantar até questões de cunho político.

É possível ver esse cuidado com a representação, pois isso é observável até mesmo na caracterização dos personagens.

A trama acontece em São Paulo, no seio de uma família paulista que ‘acolhe’ Val, uma nordestina. Cada um possui suas concepções ideológicas que diferem entre si, mas que segundo Pêcheux (1988, p.145) as diferenças existem para a realização da supremacia dominante de uma das classes, ou seja, só existe o domínio porque há quem seja dominado.

Pode-se dizer que a narrativa se divide em duas partes: antes da chegada de Jéssica e depois da chegada de Jéssica. A trama muda completamente com a chegada da filha de Val na casa da família.

Antes de Jéssica chegar Val vive sua vida simples, humilde em um quartinho nos fundos da casa, com honestidade, submissa, e suprimindo a carência do filho da patroa, D. Barbara, uma estilista muito ocupada com seus clientes para ter tempo de dar atenção ao filho. É a representação irônica de uma mulher que deixa sua filha para cuidar do filho de outra mulher, uma realidade que representa muitas outras Val pelo Brasil afora, cada uma com seus motivos. No caso de Val, deixou a filha sob os cuidados de uma tia para ir em busca de um bom emprego em São Paulo para poder criar a filha. O tempo passa e tudo que ela consegue é mandar um dinheiro por mês para o sustento básico da menina. Muitas vezes Fabinho buscava

nos braços de Val o aconchego materno; a convivência afetiva entre os dois era bem próxima, muito do que Val fazia por ele não teve oportunidade de fazer por sua própria filha.



Figura 3: Cena recorrente de Val com Fabinho no filme.
Fonte: Globo filmes. <http://globofilmes.globo.com/> (2017)

Val se esforça muito para cumprir com deveres domésticos da casa, tenta ter um lazer aos finais de semana visitando uma amiga ou outra que vive as mesmas condições que ela, nada muito longe de sua realidade crítica aos olhos do espectador. Ainda assim demonstra um grande apego pelo filho dos patrões, Fabinho, o que aparentemente é recíproco.

Mas a trama muda, completamente, quando um dia Val é surpreendida por uma ligação da filha dizendo que está indo pra São Paulo prestar vestibular. Muylaert (2014) consegue deixar nítida essa transformação a partir da notícia, tanto que Val já começa a se preocupar em encontrar um lugar para sair da casa da patroa, estando ali por tantos anos.

Uma situação que acontece antes de Jéssica chegar é um acontecimento na casa, uma festa, o aniversário de D. Barbara; Val compra um presente para ela: um jogo de xícaras com uma garrafa térmica, que para Val é supermoderno. Barbara é cordial, agradece e pede para guardar para uma ocasião especial, até aí Val entende, “quem nunca guardou algo para ocasiões especiais...”. Mais tarde, contudo, Val tenta usar o jogo para servir os convidados na festa e é barrada por D. Barbara, pois é para usar outro jogo, que ela trouxe de Barcelona. Val não entende no momento, mas vendo todo o filme é possível ver que depois ela entende que a patroa não iria usar, tanto que depois ela leva o presente embora.

Quando Jéssica chega à casa e é apresentada à família, perguntam várias coisas à moça, entre elas: para que curso iria prestar vestibular e se os estudos lá no Nordeste eram bons. Quando a menina responde que queria Arquitetura e que os estudos não eram bons, mas

que contava com o apoio de um professor, os comentários são, nas entrelinhas, preconceituosos, evidenciando a ideia que determinadas pessoas fazem de determinados cursos, talvez para aqueles que estudaram em boas escolas ou para aqueles que tem um poder aquisitivo que corresponde ao status da profissão.

O filme todo traz à tona a luta de classes, a contradição entre elas, o distanciamento de mãe e filha, sobretudo questões de valores. A presença de Jéssica na casa quebra vários paradigmas que Val a princípio considera um absurdo, como sentar à mesa do patrão para comer, ficar no quarto de hóspede, entrar na piscina são coisas inconcebíveis na cabeça de Val e muito menos nas concepções de mundo dela, que vivia há anos no quatinho nos fundos.

Jéssica não passa por tudo isso calada, ela questiona a submissão da mãe, o fato de nunca ter saído de lá, de aceitar ficar naquele quatinho e até a distinção dos sorvetes que podem ou não ser consumidos por ela. Por meio de fatos aparentemente simples, a autora evidencia, nestas cenas, que existem barreiras invisíveis que regem contratos sociais, os quais Val cumpriam muito bem até a chegada da filha, e que Jéssica, em sua forma de ser despojada de muitos dispositivos de controlo social, se indigna com todo essa situação vivida pela mãe.

Mesmo com um cenário restrito ao espaço da casa dos patrões, a autora consegue fazer com que o espectador reflita sobre suas concepções de mundo, pois se em certos pontos vemos Jéssica como abusada, estamos concordando com as concepções de Val, ou até mesmo dos patrões. É uma oportunidade de rever conceitos sociais que muitas vezes estão tão impregnados em nossa subjetividade que nem nos damos conta.

Pêcheux (1988, p.159) fala da forma de ser sujeito do discurso, evidenciando que “eu sou realmente eu”, que você é onde você está, que o lugar constitui o sujeito por suas ideologias, e que através do ‘hábito’ e do ‘uso’ está se designando quem é. Assim podemos ver em Val, que vivia daquela forma havia tantos anos, os efeitos do que Jéssica vem mostrar: que pode ser diferente. Tanto que em poucos dias na casa ela consegue ter acesso a mais lugares que sua mãe, aos quais Val jamais pensou acessar, como por exemplo, a piscina, almoçar com os patrões, tomar um café na mesa o deles e posto pela patroa.

Essas situações causam em Jéssica uma certa revolta, visto que a mãe a deixou tão longe para viver nestas condições, de não ter um lugar só para ela, e nem uma vida tão boa quanto a que aparentava ter na última vez que foi visita-la. Ela rompe com tudo isso e sai da casa dos patrões de sua mãe por não se sujeitar a tantos insultos e restrições que limitam o que Val pode ou não pode fazer na casa, as quais par Jéssica não tinha o menor sentido.



Figura 4: Cena onde Jéssica entra na piscina, quebrando paradigmas que a mãe levava a 10 anos na casa e nunca ter entrado na mesma. Fonte: Globo filmes. <http://globofilmes.globo.com/> (2017)



Figura 5: Outra cena que deixa Val indignada, ver a filha sentada na mesa com o patrão. Fonte: Globo filmes. <http://globofilmes.globo.com/> (2017)

Aos poucos Val vai mudando suas concepções de mundo e percebendo que as coisas podem ser diferentes e que ela não é obrigada a aceitar tudo que lhe é posto. E ela passa a enxergar isso após a chegada da filha, Jéssica, que quebra vários paradigmas, desnaturalizando aquilo que antes para Val seria normal, ou pelo menos era visto como comum em sua época e também para aqueles que pensavam e viviam nas mesmas condições que ela sem questionar. Segundo as concepções sobre ideologia de Pêcheux (1988, p.144) diz:

A Ideologia não se reproduz sob forma geral de *Zeitgeist*² que se imporia de maneira igual e homogênea à “sociedade”, como espaço anterior à luta de classes: Os aparelhos ideológicos de Estado não são a realização da ideologia em geral...

De acordo com essa definição dada, percebe-se no filme a diferença entre mãe e filha: duas pessoas que vieram para a cidade grande com o mesmo objetivo e mesmas condições: mudar de vida, ambas deixaram o filho para trás, mentalidades e costumes diferentes visíveis nas atitudes, que transparecem no discurso de poder ou não poder. Um dos paradigmas que Val quebra é entrar na piscina, uma das cenas mais marcantes no filme: em

² É o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período.

tanto tempo na casa, ela nunca teve a coragem de entrar na piscina e, quando ela percebe que isso não mudaria sua índole, toma coragem e entra na piscina, umas das cenas mais marcantes do filme. A emoção foi tanta que ligou para a filha para contar o que conseguiu fazer, a personagem consegue estender essa conquista ao espectador.

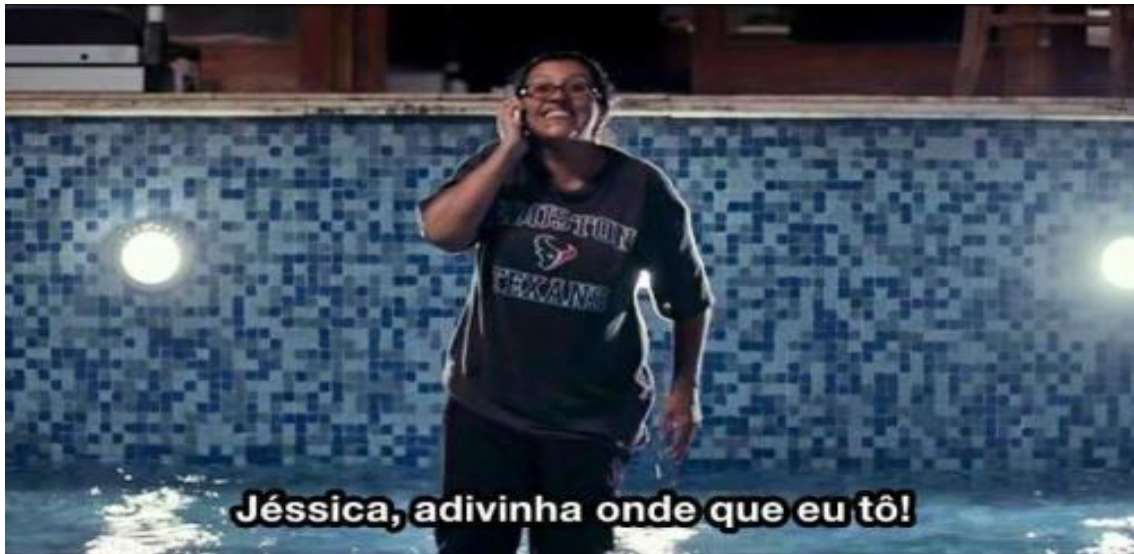


Figura 6: Uma das cenas mais emocionantes do filme, onde Val começa a rever suas concepções e dar espaço a novas experiências. Fonte: Globo filmes. <http://globofilmes.globo.com/> (2017)

E sua transformação não para por aí, ela acaba por refletir sobre suas escolhas, a filha que deixou no Nordeste para construir uma vida nova e acaba por criar o filho da patroa. Quando ela descobre que a filha fez a mesma coisa deixando o filho para trás para continuar os estudos em São Paulo, ela tenta mudar essa realidade e manda Jéssica buscar o filho.

Outra parte marcante do filme, que Muylaert evidencia e de forma emblemática, é quando Jéssica passa no vestibular e Fabinho não: desvanece a mística da filha da empregada, coitadinha, e dá a ela uma expressão de igualdade de condições na competitiva situação: que ela pode estudar em uma universidade em São Paulo sim. E esse parece ter sido o impulso maior para as transformações de Val, que começa a ver que pode ser diferente. No discurso de Val a filha estava maluca com essa história de vestibular, mas quando a filha passa, o discurso muda. Também quebra um paradigma com relação a Fabinho que estudou em ótimas escolas, mas que não passa no vestibular.

Outra mudança de discurso com esse acontecimento é o da patroa D. Barbara, quando fica sabendo que Jéssica passou e teve uma boa pontuação, ‘ela também só estudava tinha que passar mesmo’, diante desta situação do filho não passar no vestibular e a filha da empregada passar, muda-se o discurso que o filho teve as melhores escolas e bons professores para o discurso que a filha d empregada não fazia outra coisa a não ser estudar.

Muito mais que reaproximar mãe e filha, a narrativa mostra a diferença entre as classes sociais, mostra a quebra dos acordos sociais pré-estabelecidos até mesmo com as questões de empregadas domésticas da época e isso é visível no filme quando, no início, Val aparece toda de branco, uniformizada, e depois já aparece de camiseta e bermuda, deixando a roupa mais formal para as festas.

As condições propõem a Val uma nova vida, ela decide romper com tudo aquilo que a presença da filha faz ela enxergar, e vai em busca de ter um lugar para ficar além da casa dos patrões e isso a faz se sentir incomodada, de forma que Val decide mudar de atitude, manda a filha buscar o neto para morar com elas para que o neto não cresça longe da mãe, dando início a uma nova vida fora da mansão, junto com a filha e o neto.

Entre tantos encontros e desencontros, a narrativa, o tempo todo, constrói e desconstrói discursos. E assim são as condições do discurso: ir mudando conforme necessário, ou às vezes como convém a situação. Assim acontecem as transformações do sujeito: nos discursos; e o interessante é que às vezes ele nem se dá conta, na maioria das vezes, das mudanças.

Conclusões

Com uma dose de humor e drama, Anna Muylaert consegue por nos cinemas um filme que mostra partes do Brasil no confronto de ricos e pobres, nordeste e sudeste e um roteiro riquíssimo em seus discursos.

A película põe à mostra uma cultura embutida em discursos e concepções ideológicas e também a transformação destas concepções, com intuito de mostrar aquilo que diferentes formas de percepção diante de uma realidade, de experiências vividas no meio social e das inquietações Ada própria sociedade.

É perceptível a verossimilhança na narrativa do cotidiano da grande massa do povo brasileiro, sobretudo aqueles que deixam os seus perto ou longe em busca de uma construção/ascensão social.

“Que horas ela volta?” (2015), e um filme que traz consigo marcas de muitas mudanças sociais e políticas em seu contexto histórico, possui, dentro de seu próprio contexto, a transformação dos personagens e também do contexto social vivido na época.

Na história da família têm-se representados os papéis fiéis de um casal da classe alta, com suas concepções aparentemente modernas, a mulher trabalha fora, tem uma certa visão perante a sociedade, um marido que banca inclusive o trabalho dela, mas que no fundo vivem presos aos contratos sociais, as barreiras invisíveis, acabando por viverem em uma situação pensando estar vivendo outra (isso inconscientemente).

Jéssica é o retrato real do(a) jovem da época, onde sonhos foram plantados (curso superior) e viraram realidade: fazer o curso que quiser, lutar por isso, sem ter que obedecer a estereótipos impostos a determinadas classes.

A autora lançou mão de grande heterogeneidade signfica e ideológica, para isso usou de vários símbolos (sorvete, xícaras, rato) na tentativa de ter pelo menos um exemplo de outras casas em uma única casa.

A análise discursiva aqui se cumpre no que foi proposto pelo nosso olhar e ao que tange as teorias discursivas, principalmente. O que foi dito neste trabalho parte de suposições, nada estabelecido como verdade absoluta, mas que este olhar desperte muitos outros.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Unicamp, 2004.
- GLOBOFILMES. **Entrevista Anna Muylaert para Globo filmes**. Acesso em: janeiro de 2018. < <http://globofilmes.globo.com/noticia/que-horas-ela-volta-11/> >
- KOCH, Ingedore V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2000.
- LOPES, Eduard. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1976.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de E. P. Orlandi et al. Campinas, SP: Unicamp, 1988.

Sobre as autoras

Jucelia Pereira Rocha

Graduada em LETRAS (Português/Inglês) pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2007). Especialista em Psicopedagogia Universidade da Grande Dourados - UNIGRAN (2011). Aluna Regular do Mestrado em Linguística (2017) PPG/LETRAS - UFGD.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2426175996701403>

Rita de Cássia Pacheco Limberti

Doutora (2003) em Linguística - Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo - USP, orientada por José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros, respectivamente. Realizou estágio de Doutorado-Sanduiche durante 18 meses, na École Normale Supérieure, em Paris, França (2000/2002), sob a supervisão de Francine Mazière. Atualmente é docente e orientadora do Programa de Mestrado em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD. Líder do Grupo de Pesquisa NEL - Núcleo de Estudos Linguísticos da UFGD.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8608492668861352>

Artigo Recebido em Agosto de 2018.
Artigo aceito para publicação em Outubro de 2018.